

Por uma filosofia da vida plena ou o homem total e sua sociedade fragmentada

Felipe Araújo¹

Resumo

O objetivo do presente artigo é estimular a discussão sobre a possibilidade de se usar o Ensino de Filosofia como um movimento que confronte a visão unilateral de atividade humana. Queremos propor um entendimento do Homem como ser que não deve ter uma atuação limitada no mundo, mas sim, que sua atuação seja plena, que coloque em ação toda a diversidade das manifestações humanas. Estimularemos, então, a discussão de como o conceito de educação está sujeito às normas do sistema econômico vigente, e como a noção de especialização limita a potência criadora do homem, muitas vezes tornando-o um mero especialista. Para tanto, usaremos os recursos literários a nosso favor, principalmente através do uso da obra Fausto, de Johann Wolfgang Von Goethe, e tendo como referências bibliográficas as contribuições do Materialismo Histórico, para discutirmos dois conceitos que nos serão valiosos, a saber, o conceito de Filosofia da Práxis e o conceito de Omnilateralidade.

Palavras-chave: Práxis. Omnilateralidade. Filosofia. Materialismo Histórico. Educação.

Abstract

The goal of the present article is to further discussion about the possibility of using Philosophy teaching as a movement which confronts a one-sided vision of human activity. We want to suggest an understanding of Man as a being which should not have a limited acting on the world but a full one, which sets in motion the diversity of human manifestations. We will encourage then the discussion of the ways in which the concept of education is subject to the rules of the current economic system, and how the notion of specialization undermines the creative power of man, often transforming him into a mere specialist. For this we will use literary resources in our favour, mainly through the use of Goethe's Faust and Morte e Vida Severina by João Cabral de Melo Neto, and having as bibliographic references Historical Materialism, in order to discuss two concepts which will be valuable to us, that is, the concept of Praxis Philosophy and the concept of Omnilaterality.

Key-words: Praxis. Omnilaterality. Philosophy. Historical Materialism. Teaching.

¹ Felipe Araujo é graduando em Filosofia, na UFRJ.
E-mail: felipe.araujo87@hotmail.com

Introdução

Este artigo será dividido em três partes principais:

A primeira parte se destinará a discutir principalmente a noção de unidade entre teoria e prática, entendendo-as como conceitos indissociáveis onde, através do uso de um conto, iniciaremos o debate sobre como teoria e prática foram cindidas; e como a divisão social do trabalho interfere negativamente na consciência do homem. Com isso introduziremos o conceito de *Filosofia da Práxis*.

A segunda parte se preocupará em discutir como se dá a construção da personalidade humana em nossa sociedade unilateral, especializada. Para isso usaremos a obra *Fausto*, de Goethe, e também *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, como ambientações para questões existenciais humanas e, como nessas obras se faz presente a problemática da vida plena, a vida em toda sua amplitude. Com isso introduziremos o conceito de *omnilateralidade*.

A terceira parte do texto entrará no debate do ensino de Filosofia propriamente, onde situaremos de forma breve a condição do educador, em especial o de Filosofia, e das suas possibilidades na tarefa (árdua) de pensar a sociedade, de discutir sua condição e de refletir caminhos para que ela se desenvolva da forma mais justa possível.

Para fundamentarmos nossas reflexões usaremos uma maneira específica de se ler a sociedade, a lente do Materialismo Histórico. A bibliografia principal será as obras de Karl Marx e Friedrich Engels e como comentador utilizaremos Adolfo Sánchez Vasquez.

Decidimos ainda usar o máximo possível os estilos literários que temos à nossa disposição, para quebrar a “frieza” característica dos artigos acadêmicos e para que tornemos o artigo coerente com sua proposta, a qual é mostrar que o homem carrega em si uma potência criativa transbordante e que suas manifestações emocionais e espirituais devem se fazer cada vez mais presentes.

A sociedade primitiva no tempo em que o trabalho não era dividido socialmente

A proposta é que façamos um trabalho “arqueológico” para descobrirmos como ocorriam as primeiras aulas de Filosofia, mas como não dispomos de dados científicos que nos comprovem com a fidedignidade que merece essa empreitada, criaremos nós mesmos a nossa versão da história tendo plena consciência de que se trata de uma especulação.

Usaremos então uma espécie de conto, ou seja, uma narração histórica que se trata de uma criação ficcional, mas totalmente verossímil e, portanto, este recurso literário nos servirá como descrição de uma situação sobre a qual não temos dados históricos para provar que tenha ocorrido exatamente da forma com será narrada, o que também não afasta sua validade, uma vez que teremos como alicerce todo o arcabouço teórico de que dispomos até o presente momento sobre o tema.

Essa nossa narrativa se passa no tempo do homem primitivo, no Paleolítico Superior, também conhecida como Era da Pedra Lascada, período que abrange de 30 mil A.C. a 8 mil A.C. Pertencem a esta época os relatos mais antigos que possuímos sobre as manifestações artísticas, onde eram desenhadas no interior das cavernas diversas formas, que diziam respeito à vida dos homens que viveram a este tempo e como expressavam seus desejos, medos, sentimentos e saberes.

O homem paleolítico e suas aulas de filosofia ou dos primórdios do pensamento abstrato e as formas de apropriação material do mundo

Contarei a história de meus antepassados primitivos, a qual por acidente chegou até mim e à qual em muitas ocasiões me vejo tendo necessidade de recorrer para entender o homem presente e também para reviver esses tempos de uma sociedade diferente da qual me encontro hoje.

Muito antes dos estudos arqueológicos. Antes mesmo do que se decidiu chamar de História. Já tínhamos nossos modos de contar nossas histórias. As histórias das primícias humanas.

As histórias de como enfrentávamos todo tipo de dificuldades para permanecermos presentes no mundo, nesse era longínqua, onde tudo era mais selvagem, mais “instinto” Onde as atividades tinham, na maior parte do tempo, uma preocupação imediata, uma preocupação de sobrevivência. E onde nossos gestos eram baseados numa perspectiva, a saber, de que maneira conseguiríamos perpetuar a nossa existência. Claro que essas indagações só se fazem mais claras a mim agora, no mundo moderno. Naquele tempo, o que prevalecia era o instinto de sobrevivência, em sua forma mais simples e dura.

E, para tanto, desenvolvemos muitas técnicas de sobrevivência. Criamos utensílios, onde cada um tinha sua utilidade específica: quebrar, cortar, alcançar coisas distantes, e assim por diante. Criamos formas de linguagem, estabelecemos

laços sociais e criamos, inclusive, maneiras de transferirmos esses conhecimentos para as gerações futuras.

Cada um de nós tinha suas funções dentro da nossa comuna e todos devíamos cumpri-las para que nossa sobrevivência e a dos outros fosse possível.

Dessa maneira, não havia os “mais afortunados”, ou seja, aqueles que podiam se aproveitar do trabalho dos outros e simplesmente usufruir os benefícios da vida. Vale dizer, havia nesses tempos, inclusive, momentos bons, nem tudo era sofrimento. Na verdade, a simplicidade e a pouca cobrança nos faziam ter muitos momentos alegres.

Esses que decidi chamar de “mais afortunados” foram surgir um bom tempo depois, quando alguns homens se deram conta de que era mais proveitoso escravizar do que matar os guerreiros derrotados e, em nossa sociedade atual, os “mais afortunados” se estabelecem de outra maneira que não a escravidão, mais ainda assim semelhante, explorando sua força laboriosa.

Como dizia, cada um de nós era responsável por uma fração do todo que constituía as nossas funções, não havia até então a divisão social do trabalho, as tarefas eram divididas pelo gênero sexual. Nós do sexo masculino homens, sobretudo caçávamos e as mulheres, sobretudo cuidavam dos pequenos.

Vivíamos de acordo com a oferta de alimentos, em geral essa era a principal demanda de nossos tempos: conseguirmos comida suficiente para aquele dia. Em algumas épocas, de fartura de alimentos, essa tarefa se fazia mais fácil, então tínhamos tempo de nos dedicarmos às outras atividades, como brincar, inventar, amar, nos expressarmos.

Com o passar do tempo íamos desenvolvendo-nos, aperfeiçoávamos nossas técnicas, aprimorávamos nossas perícias, criávamos utensílios mais sofisticados e com eles nos defendíamos e conseguíamos alimento. Assim era nosso trabalho. Criando, apropriando-nos da natureza e transbordando nossa ação no mundo. Nesse tempo os objetos não tinham donos, eles simplesmente eram utilizados. Éramos todos donos de tudo, assim éramos cada um de nós responsáveis por tudo e por todos.

Em alguns momentos, dispúnhamos de “ócio”. Quando isto ocorria cada um fazia o que lhe dava mais prazer. Todos nós, cada um a seu modo, e com sua freqüência, tínhamos necessidade de nos manifestarmos “artisticamente”.

Havia em cada um de nós medos, desejos, dúvidas, sentimentos. E, muitas vezes, sentíamos vontade de externar esses sentimentos, sobre os quais nós pouco entendíamos. Assim, alguns iam para o fundo das cavernas e desenhavam as feras, as

quais lhe causavam medo, sendo mortas. Essa é uma forma que encontramos de fazer o medo ser menos latente. Outras vezes desenhávamos os animais que caçávamos sendo capturados, outras vezes ainda ornamentávamos nossos machados.

Nenhuma dessas atitudes tinha uma finalidade prática. Ornamentar a lança, não a tornava mais afiada de verdade, desenhar a besta sendo ferida não fazia de fato com que ela deixasse de nos perseguir nas noites que precisávamos sair das cavernas.

Porém, essas atitudes nos tornavam mais “fortes”, havia um caráter “mágico” nessas ações, pois de uma maneira não prático-utilitária, mas sim espiritual, elas faziam diferença. E, assim como através do trabalho interferíamos no mundo, através da nossa “arte primitiva” estávamos de outra maneira plasmando nossa humanidade na natureza e, com isso, nossa relação com o mundo e com nós mesmo ia se estreitando.

Nesse tempo, de quando a humanidade vivia sua juventude, trabalhador e artista tinham sua mesma importância, até mesmo porque o artista era um trabalhador. Não fazíamos nesse tempo uma distinção entre trabalho intelectual e trabalho manual. Havia sim diferença entre os trabalhos com fins materiais e com fins espirituais mas, em última análise, os dois compartilhavam da mesma “essência”, pois o trabalho material também respondia às nossas questões emotivas e o trabalho artístico também possuía um fim prático, que era o de potencializar as nossas “forças essenciais”.

Era, então, muito mais fácil ser artista e filósofo nessa época, no sentido de que não havia uma cobrança dessas atividades sobre indivíduos particulares. Todos, nos momentos de “ócio”, podiam exercer essas funções, assim como todos se dedicavam às perícias técnicas.

Imaginem essa comunidade, onde um indivíduo pode enquanto todos se alimentam decidir desenhar como foi a caçada daquele dia, desenhar como foi que conseguiu derrubar o bisão, ou como o grupo capturou o javali que serve neste momento de janta.

Essas ilustrações mantinham-se nas paredes das cavernas e foram usadas como forma de contar nossas histórias, individuais e coletivas. Ou seja, havia um caráter artístico, porque expressava nossas pulsões e sentimento; havia um caráter pedagógico, pois servia aos mais jovens como espécies de enciclopédias; havia um caráter simbólico, porque operávamos através do uso da representação do real; havia um caráter “mágico”, pois muito acreditavam que esses desenhos modificavam o mundo lá fora.

E havia um caráter filosófico, uma vez que fazíamos uso da abstração, que é pensar de forma universal o particular, pensar o homem em sua totalidade. Nesse gesto estava presente a consciência de que o homem produzia intervenções na natureza, mais que isso, que ele era capaz de plasmar sua humanidade (deixar suas marcas) na natureza e, com isso, se identificar nela e, ao se reconhecer nela, ampliar sua consciência enquanto homem pleno.

Esse homem não era visto como a sociedade moderna vê os artistas e os filósofos. Não éramos acusados pelos outros de “estarmos perdendo nosso tempo” ou “de estarmos fazendo algo inútil”, não havia a cobrança de utilizarmos o nosso tempo para as necessidades práticas. Cada um tinha consciência de suas obrigações, era isso que nos garantia nos mantermos vivos ou não, e essa vontade de permanecer era soberana.

Todos carregavam em si essa potência de prolongar nossa atuação no mundo, e cada um dava vazão a isso da sua maneira e sempre que possível, sem determinações vindas de outros indivíduos.

Observo que “estilo de vida” do homem se modificou muito desde essa época dos meus pais distantes. Aprendemos a manipular o fogo, aperfeiçoamos muito nossas técnicas e utensílios, fundamos a divisão social do trabalho (e do trabalho artístico) e criamos uma sociedade onde teoria e prática são coisas quase que antagônicas, onde ou se é trabalhador ou se é artista. E onde o trabalho intelectual é muito mais valorizado, e o corporal fica, em muitos casos, em segundo plano.

Muitas vezes sinto saudades da Era da Terra dos Pais Distantes, na qual vivi muitos dias, e na qual a vida era vivida em uma estância não unilateral, mas repleta de completude de vida na qual a alma humana foi forjada².

Fim.

O conto apresentado busca nos fazer pensar as sociedades primitivas: em como se davam a sua organização, como estas comunidades se estruturavam socialmente, como se davam as condições necessárias para a permanência da vida humana na Terra. Oferece ainda indicações possíveis sobre de que forma esses nossos antepassados distantes se relacionavam com a natureza.

² Este conto é inspirado, teoricamente e estilisticamente, nos seguintes livros: *Antes de Adão*, de Jack London, *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*, de Engels e *As idéias estéticas de Marx*, de Vázquez.

Entre esses modos de interferir no mundo gostaríamos de destacar o trabalho e a arte, que são as formas principais de o homem se relacionar com o mundo. Ambos são esforços humanos de criação, sendo o trabalho mais voltado a solucionar as necessidades materiais e a arte as necessidades espirituais (emocionais).

Lembramos que a arte só se faz possível quando as forças produtivas estão em um nível de desenvolvimento no qual o homem possua tempo “livre”, uma vez que a manifestação artística não tem como fim uma atuação pragmática, ao menos não de forma específica.

O que vale ser realçado é que o conto narra condições de uma sociedade na qual não existiam ainda duas classes sociais antagônicas, onde não existia a divisão social do trabalho, o que havia era uma sociedade cindida pelo gênero, ou seja, a distinção entre as funções de cada indivíduo era determinada pelo seu gênero sexual, e não pela camada social (financeira), não pela classe econômica na qual o indivíduo estava inserido.

Isso quer dizer que havia outra relação entre o homem e o fruto de seu trabalho. O homem se reconhecia naquele objeto que ele criou, ele conseguia identificar sua humanidade, sua marca, naqueles objetos que ele inventava e manipulava. Não só no objeto, mas também em cada etapa deste processo de humanização da natureza, ou de objetivação do homem.

Isso tem um poder muito forte para a condição humana, que o Materialismo Dialético explicará através do conceito de *alienação*. A alienação é quando o indivíduo não tem mais condições de se enxergar no fruto de seu trabalho, pois o seu trabalho foi totalmente fragmentado. Ele se externa, mas não se reconhece, ou seja, o seu processo de consciência é prejudicado, pois quando os bens deixam de ser coletivos e passam a ser privados, ele só se sente “realizado” quando ele possui esse objeto, então não é mais se identificar como agente alterador da natureza e sim como acumulador dos bens produzidos por ele. Com isso há uma coisificação do homem, uma vez que suas atribuições subjetivas são postas de lado e são privilegiadas as objetivas.

É o acúmulo que gera no homem a sensação de realização, a humanidade dele se concretiza quando ele possui o bem de consumo e não mais no processo de humanização deste bem.

Dizemos ‘humanização’ porque o homem possui essa característica, a de deixar seu rastro de humanidade no mundo. Quando um artista desenha um bisão nas paredes da caverna, não é mais a natureza biológica, que está ali, pois há ali a natureza humana materializada.

Daremos um exemplo bem “simplista” para mostrar como é importante o homem se identificar em suas ações criativas: o caso de uma cozinheira que prepara com todo o carinho a refeição para seu filho. Neste fruto de seu trabalho está presente a “essência” da cozinheira. Ela se reconhece naquele prato: dizer que a comida ficou ruim é falar mal dela, elogiar a comida é elogiar a própria cozinheira. Quando ela se reconhece na sua criação, a consciência dela se eleva, e o próximo prato dela será melhor, pois ela evoluiu, na sua consciência de si. O texto também cita a relação do artista primitivo com a sua produção. É bem interessante lembrar que não podemos definir apenas um motivo para a criação artística desta época, pois muitos motivos levavam estes homens a sentirem necessidade de deixar suas marcas nas cavernas. Mas o relevante é colocarmos em questão o debate da atuação teórica e da atuação prática. Uma vez que nessa época não havia o divórcio mal resolvido e cheio de questões pendentes entre teoria-prática.

Com isso trazemos uma discussão valiosa para a temática a que se destina este artigo: a diversidade da atuação humana. É valiosa tendo em vista a atual condição em que está posta a filosofia (e também a arte), numa condição de distanciamento em relação às tarefas manuais, ou seja, qualquer atividade que não tenha a produção intelectual como instrumento principal é tida quase como contraditória às atividades práticas. Característica esta que encontra sua raiz na divisão social do trabalho. Desse modo, o homem comum não é capaz de se identificar como alguém capaz de fazer filosofia ou de fazer arte ou de fazer política. Essas atividades devem ser destinadas a seus respectivos detentores por excelência: o filósofo, o artista e o político.

Observamos aí uma contradição que é oriunda do divórcio entre teoria-prática. Pensa-se que nossa sociedade fosse dividida entre as atividades “práticas” e atividades “teóricas” quando, na realidade, toda prática é teórica, pois precisa ser formulada pra ser colocada em prática e em seguida será novamente pensada; e da mesma forma toda teoria é prática, pois pensar já é uma ação, e só se pode chamar teoria se esta tem em vista uma ação prática.

Essa noção será defendida através do conceito de Filosofia da Práxis, usado por muitos autores, mas que aqui usaremos de forma mais ampla, tomando o Materialismo Histórico como lente. O conceito de Filosofia da Práxis nos sugere a noção de “prática revolucionária”, ou seja, uma ação que tenha como fim uma modificação da realidade. A dificuldade está no fato de a palavra “prática” ter sido associada unicamente às tarefas

de fim pragmático quando, na realidade, a noção de “teoria” também está presente neste termo. Na verdade, esses dois conceitos são indissociáveis.

Portanto, decidiu-se usar o termo “práxis” entendendo que este conceito permite outra apropriação do conceito de atuação prático-teórica. Essa separação se desdobra em uma discussão muito importante que é a da plenitude da manifestação humana. Usemos o exemplo dos artistas ou dos políticos. Em nossa sociedade é muito comum ouvirmos as pessoas dizendo que não fazem arte, pois não são artistas, ou que devemos cobrar dos políticos que estes cumpram com suas obrigações. Essas afirmações, em geral, servem como indícios de como acreditamos que cada indivíduo deve atuar em sua “área”, cada um tem o seu “dom”, sua especialidade.

Essa é uma apreensão corriqueira em nossa sociedade: a valorização dos especialistas. E de fato a especialização representa um avanço na sociedade, o que não podemos negar; o problema está quando limitamos a ação humana a uma única atuação especializada. É como se o homem devesse escolher de uma vez por todas se será um artista ou apenas político ou apenas padeiro ou apenas pai, etc. Isso é um equívoco. O homem carrega em sua “essência” a condição de ser pleno, de se manifestar em toda sua potência humana criadora. Limitar a atuação humana em uma atuação unilateral é mutilar a própria humanidade do homem, que tem como atributo imanente ser um homem total.

O pacto de *Fausto* e o homem total

Vejam os um trecho da obra *Fausto*, de Goethe:

Ao cabo de escutar co’o mais ansioso estudo
filosofia, e foro, e medicina, e tudo
até a teologia... encontro-me qual dantes;
em nada me risquei do rol dos ignorantes.
Mestre em artes me chamo; inculco-me Doutor;
e em dez anos vai já que, intrépido impostor,
aí trago em roda viva um bando de crendeiros,
meus alunos... de nada, e ignaros verdadeiros.³

Vemos nesse trecho da grande obra de Goethe um desabafo de Fausto. Onde o personagem se sente ignorante apesar de seu grande acúmulo de diplomas. Todo o conhecimento que foi adquirido não foi o suficiente para que este homem se sentisse

³ Goethe, 1952, p. 27

completo, na realidade, ele se mergulhou tanto no mundo dos pensamentos que entra numa crise, onde se questiona a validade de todo esse conhecimento. Ele se sente como que um “impostor”, pois se trancou no mundo dos livros e a vida real foi posta de lado a ponto de desacreditar na possibilidade de usar esse conhecimento todo de maneira que possa ajudar alguém.

O que Fausto precisa é da Vida mesma, em toda sua nudez, na sua pureza mais crua e dura. Ele não agüenta mais a prisão da mera teoria, recorre então à magia, invoca o Espírito da Natureza, crendo ser este seu semelhante.

Mas, o Espírito da Natureza afirma não ter parte com Fausto. Vejamos o diálogo:

FAUSTO

Gênio ativo e infatigável,
bem que abarques todo o mundo,
eu, Espírito incansável,
posso crer-me a ti segundo.

ESPÍRITO

Segundo a um ser, tua invenção,
mas a mim não.⁴

Fausto, então, recorre à outra entidade, Mefistófeles. E com este faz o famoso pacto. Vejamos a fala de Mefistófeles:

Obrigo-me a servi-lo em tudo e à risca
enquanto vivo for, e obedecer-lhe
aos acenos até, sem cansar nunca.
Depois, quando lá em baixo nos toparmos
trocamos os papéis.⁵

Fausto “vende” sua alma e expõe suas exigências como preço do acordo:

Entendamo-nos bem. Não ponho eu mira
na posse do que o mundo alcunha gozos.
O que preciso e quero, é atordoar-me.
Quero a embriaguez de incomportáveis dores,
a volúpia do ódio, o arroubamento
das sumas aflições. Estou curado
das sedes do saber; de ora em diante
às dores todas escancaro est’alma.
As sensações da espécie humana em peso,
quero-as eu dentro em mim; seus bens, seus males
mais atrozes, mais íntimos, se entranhem
aqui onde à vontade a mente minha
os abrace, os tasteie; assim me torno

⁴ *Ibidem*, p. 36

⁵ *Ibidem*, p. 100

eu próprio a humanidade; e se ela ao cabo perdida for, me perderei com ela.⁶

Fausto almeja a vida em toda sua riqueza de possibilidades, não deseja mais conhecimento, nem deseja somente os prazeres, ele deseja toda a potência que o viver proporciona. Ele quer ser o homem “prático”, o que sente dor, fome, paixão, gozo.

Para usarmos as palavras de Nietzsche; Fausto diz um “*sim à vida*”.

Amor fati: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!⁷

Essa forma de enxergar o mundo poderia ser associada como conceito de *omnilateralidade*, o qual Karl Marx usa em seu livro *Manuscritos Econômico-filosóficos* (1844) e o qual poderíamos explicar como a atuação humana de forma não unilateral, ou seja, um homem que não atua em uma única frente, mas que entende que ser homem, por em prática sua humanidade, é atuar de forma omnilateral, em todas suas “lateralidades” possíveis, em todas as instâncias da vida. Portanto, o homem omnilateral pode ser artista, político, trabalhador, amante, filósofo, estudante, professor, tudo isso lhe é possível. Na verdade, estas lhe são atribuições imanentes, elas o tornam homem.

O homem se apropria de sua essência omnilateral de uma maneira omnilateral, portanto como um homem total. Cada uma das suas relações humanas com o mundo, ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, intuir, perceber, querer, ser ativo, amar, enfim todos os órgãos da sua individualidade, assim como os órgãos que são imediatamente em sua forma como órgãos comunitários, são no seu comportamento objetivo ou no seu comportamento para o objeto a apropriação do mesmo, a apropriação da efetividade humana (...).⁸

O que ocorre é que, na sociedade na qual estamos inseridos, essa potência humana é negada e nos é permitido apenas sermos unilaterais: ou serei operário ou serei artista e se eu decidir ser artista terei de escolher uma manifestação artística: literatura e, dentro da literatura, para ser bem sucedido terei de escolher uma modalidade, como os contos, e assim por diante.

Observamos que existe a divisão social também no trabalho artístico. Há então, a arte popular e arte erudita, arte amadora e arte profissional, etc. Na sociedade em que

⁶ Ibidem, p. 105

⁷ Nietzsche, 2001, p. 277

⁸ Marx, 2010, p.108

vivemos não é possível por em prática a totalidade humana, aí entra a Filosofia. A Filosofia carrega um “espírito crítico” que deve ser usado para identificar essas mazelas que o mundo voltado ao mercado nos impõe e, principalmente, nos deve oferecer formas de enfrentamentos para essa lógica. O Filósofo-Educador, o professor de Filosofia, deve usar o “incômodo” que a reflexão filosófica carrega como elemento que estimule uma nova relação com o mundo.

Marx afirma:

O homem rico é simultaneamente o homem carente de uma totalidade da manifestação humana de vida. O homem, no qual a sua efetivação própria existe como necessidade interior, como falta. Não só a riqueza, também a pobreza do homem consegue na mesma medida – sob o pressuposto do socialismo – uma significação humana e, portanto, social. Ela é o elo passivo que deixa sentir ao homem a maior riqueza, o outro homem como necessidade.⁹

Essa afirmação dá outro sentido à palavra “rico”. Ser rico, nesse sentido, é ter explicitada toda sua potência humana, é atuar em cada uma das faculdades que lhe forem possíveis: profissional, sexual, sentimental, artística, política, intelectual, etc. Não dar vazão à universalidade da personalidade humana é a pobreza e, ainda que este homem tenha bens materiais, permanece “pobre”, pois teve mutilada sua liberdade. Sua humanidade foi despotencializada, reprimida, roubada.

Nesse sentido, a atuação do filósofo (seja aluno ou professor), é uma atuação revolucionária, uma vez que vai contra o sistema pré-estabelecido, para que este seja rediscutido e melhorado.

Quando Fausto decide pela vida, pela totalidade da atuação humana, ele adere a Filosofia da Práxis não porque saiu do campo teórico e foi para o prático, mas sim porque subverte a norma a qual estava acomodado e decide se tornar pleno, decide enfrentar-aceitar a vida.

Ele podia ser o homem prático que toma partido pela reflexão filosófica para repensar sua existência, como no caso de Severino, em *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. Severino é um retirante, que parte em uma peregrinação em busca de um local menos assolador que o Sertão, onde a *vida severina* é cruel. Ele nos conta um pouco sobre ela:

E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,

⁹ Ibidem, p. 112-113

morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).¹⁰

Chegando a Recife, percebe que a morte também tem lá muitos pretendentes e, assim como Fausto, coloca em pauta a reflexão do sentido da existência, e tal como Fausto pensa em dar cabo da vida, se jogando em um rio. Pensando ser talvez a morte a solução para a dureza que é esta vida:

Seu José, mestre carpina,
para cobrir corpo de homem
não é preciso muito água:
basta que chega o abdome,
basta que tenha fundura
igual à de sua fome.
(...)
Seu José, mestre carpina,
e quando é fundo o perau?
quando a força que morreu
nem tem onde se enterrar,
por que ao puxão das águas
não é melhor se entregar?¹¹

Seu José tem a conversa com Severino interrompida ao receber a notícia de que seu filho nasceu. Quando seu José volta, sabendo ser pai, a questão da vida emerge em uma reposta às indagações de Severino:

Severino, retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga
é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,

¹⁰ Neto, 1884, p. 71

¹¹ *Ibidem*, p. 100

ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.

E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida
como a de há pouco, franzina
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.¹²

O ensino de filosofia e sua atuação revolucionária

A escola é uma instituição que está inserida na lógica social da fragmentação, da divisão social e, portanto, está sujeita a essas características. Podemos observar diversos aspectos, mas citaremos apenas um: o método de avaliação.

As avaliações estão quase que exclusivamente direcionadas a medir a quantidade de conhecimento que o aluno foi capaz de adquirir. Muito raramente outros aspectos humanos são levados em conta, quando muito há uma proposta que enxergue o campo cognitivo de forma mais ampla, ou seja, além da prova, faz-se uso também de trabalhos para casa, exercícios, pesquisas, mas todos ainda preocupados quase que exclusivamente em aferir se o aluno foi ou não capaz de se apropriar do conteúdo esperado.

Dessa maneira, limitamos as múltiplas faculdades humanas e a sujeitamos ao mero discurso lingüístico, sobretudo a linguagem formal escrita. Deixamos de lado então as tantas outras forma de linguagem: poética, corporal, plástica, musical. E deixamos também de lado as expressões emocionais, sentimentais, sociais, corporais, reflexivas, criativas, artísticas, manuais, entre tantas outras. Como se cada linguagem devesse estar sujeita à linguagem escrita formal e todas as faculdades devessem igualmente estar sujeitas à cognição cumulativa, ao acúmulo de informações.

É contra esta corrente de estreitamento humano que devemos nadar. E podemos fazer isso inclusive em nossas práticas como educadores, por exemplo, ampliando as formas de avaliação dos alunos, não as limitando unicamente à linguagem escrita lógica,

¹² *Ibdem*, p. 112



mas aceitando outras formas de manifestação, sejam corporais, emocionais, plásticas, lúdicas, etc.

Considerações finais

Quando dizemos que o mundo atual, legitimado pelo acúmulo do capital, não nos dá espaço para nossas mais genuínas expressões emotivas e espirituais isso não implica dizer que não há solução e que devemos aceitar essa situação, mas pelo contrário, devemos com esse elemento de insatisfação fazer um movimento de “subversão” ao que nos é oferecido.

As contribuições de Marx nos apontam que a mudança é possível, mas exige que a estrutura social seja modificada, só assim será possível que o homem possa atuar em sua plenitude, pois a sociedade fragmentada na qual vivemos, nos torna também homens fragmentados. A modificação social se dá quando o homem recusa a condição de coisa na qual foi inserido, e toma de volta seu lugar de Homem.

Isso não fará com que o mundo se torne comunista, tão logo os alunos passem de série, claro que não. Mas se os professores se identificarem como agentes não só no campo da Teoria, mas também no campo da função transformadora que a práxis tem quando unida com uma visão de sociedade que começa pela visão do homem não como ser submetido a uma estrutura social, que deve seguir suas normas para sobreviver, mas enxergando o homem como um ser pleno, que está apenas inserido nessa sociedade que valoriza a fragmentação das faculdades humanas e, portanto, despotencializa a riqueza humana. Assim, é possível a atuação do professor ser repensada e se transbordar em outro tipo de prática mais transformadora, mais revolucionária. E, com isso, haverá as condições humanas necessárias para que a sociedade se transforme, em outra sociedade, melhor que esta que nos está posta.

Referências bibliográficas

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar – A aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo. Editora Schwarcz Ltda. 1986

ENGELS, Friedrich. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 1984.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. Fausto. Tradução de Antônio Feliciano de Castilho. São Paulo. Gráfica Editora Brasileira. Volume 15. 1952

LONDON, Jack – Antes de Adão – L.PM Editores – P. Alegre – 1985

MARX, Karl. Manuscritos econômicos-filosóficos. Tradução Jesus Ranieri. São Paulo. Boitempo editorial. Edição 4. 2010

NETO, João Cabral de Melo. Morte e Vida Severina e Outros Poemas em Voz Alta; Rio de Janeiro, José Olympio, Edição 20a. 1984.

NIETZSCHE, Friedrich. A gaia ciência. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. As ideias estéticas de Marx. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo. Editora Expressão Popular. Edição 3. 2011.

_____. Filosofia da práxis. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1977.